

CORPO EM DEBATE: A OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA

Maria Santana dos Santos Pinheiro Teixeira; Josiane Mendes de Queiroz

(1) *Universidade Federal do Pará, e-mail: m.stana@hotmail.com;* (1) *Universidade Federal do Pará, e-mail: josiane2017@hotmail.com*

Resumo

O presente artigo discorre sobre a temática da mulher negra respectivamente a objetivação do seu corpo que traz uma marca histórica de opressão e sexualização. Falar sobre o corpo não é algo fácil, pois este corpo está inserido dentro de uma teia social que muitas vezes naturalizam atos/comportamentos que fica difícil desvendar o aparente. Neste sentido o objetivo deste trabalho é trazer reflexões de como foram construídas as formas de ver e pensar o corpo da mulher negra, trazendo elementos de como essas percepções influenciam nas relações de poder e sexualidades inseridas no sistema patriarcal. Para uma análise na sua totalidade foi utilizado o método crítico dialético, por nos dar a possibilidade de ir para além do abstrato, isto quer dizer ao desvendarmos as múltiplas determinações do objeto nos aproximamos do real. Sendo assim falar sobre o corpo da mulher negra é refletir sobre a representação social que tem suas particularidades no contexto brasileiro e que coloca em debate o papel que esta mulher assume na sociedade.

Palavras-chave: mulher negra, corpo, objetivação.

Introdução

Vivemos em uma sociedade onde somos constantemente influenciados/as pela mídia que determina em geral quem é belo e quem faz parte desse padrão de beleza como: mulheres brancas, magras, altas e de olhos claros. E quem não se enquadra nesse perfil está automaticamente excluído desse processo. Esse sistema é tão perverso que milhares de adolescentes, jovens e adultos tentam se embranquecer para serem aceitos.

E nesse contexto o que dizer da mulher negra? Ela também vive cotidianamente influenciada por esse sistema opressor. Mas, o seu corpo é visado de forma diferenciada. Não obstante ao período escravocrata onde o corpo era exposto para ser comercializado, hoje ele é exposto para ser consumido. Neste sentido falar do corpo é nos reportar a trajetória de vidas, mas em específico falar do corpo da mulher negra é retratar a complexidade de um ser: mulher e negra. Perpassada por diversos fatores como a sexualidade, estigma, violência, pobreza e etc. Fala-se de um ser que nasce e vive condicionada a uma cor e uma classe.

Nesse sentido esse trabalho busca propor apontamentos sobre a temática do corpo da mulher negra, objetivando trazer reflexões de como foram construídas as formas de ver e pensar esse corpo,

apontando elementos de como essas percepções influenciam nas relações de poder e sexualidades inseridas no sistema patriarcal.

Metodologia

O caminho traçado para a compreensão da temática partiu primeiramente da curiosidade pessoal (por sermos mulheres negras) de entender as múltiplas formas de objetificação do corpo da mulher negra, vivenciadas cotidianamente em nossa sociedade. Para a obtenção das informações pertinentes ao assunto em questão, foram realizadas pesquisas bibliográficas e empíricas que nos dessem suporte para compreender como este corpo traz a marca histórica da opressão.

Deste modo Minayo (2010) salienta que a metodologia é a associação da teoria (método), as técnicas e a capacidade inventiva do pesquisador, isto quer dizer que a metodologia articula teoria e prática, mas é a criatividade do pesquisador que vai dar o olhar diferente para o assunto abordado.

Para Marx a teoria reflete o real, isto é tem-se a capitação da reprodução do movimento do objeto (GARCIA, 2013). E assim Netto (2011) reitera que para Marx o sujeito é ativo no processo de conhecimento, e é a partir das suas reflexões a cerca da realidade, onde o mesmo busca entender o seu objeto dentro de um processo dinâmico, isto requer criticidade para questionar, revisar tal trajeto. No processo do conhecimento é primordial que o pesquisador tenha capacidade de compreender o objeto em sua totalidade.

Sendo assim o método utilizado foi o crítico - dialético que concede a possibilidade de ir para além do que é aparente, permitindo fazer uma análise buscando as suas múltiplas determinações que refletem o real, entende-se deste modo que a abordagem preterida traz-nos a concepção de totalidade dessa realidade. Considera-se a dimensão da totalidade um dos pontos centrais para captamos o movimento do objeto que constrói suas relações onde se atribuem significados diferenciados em um contexto social que é histórico e dinâmico. (BOURGUIGNON, 2005).

Neste sentido iniciamos com o conceito de raça pra compreendermos o sentido que ela adquire dentro da sociedade capitalista. Há o debate sobre as várias faces que esse corpo assume dentro dos contextos sócio-históricos notadamente buscamos trazer essa temática para que possamos refletir sobre a imagem dessa mulher que enfrenta a violência e busca superar os estereótipos destinados a mulher negra.

Resultados e Discussão

Iniciemos conceituando o significado de corpo que segundo o Aurélio (2017): “Do latim corpus. Tudo o que ocupa espaço e constitui unidade orgânica ou inorgânica. O que constitui o ser animal (vivo ou morto)”. Percebemos que o significado de corpo é bem amplo e remete para um ser que ocupa espaço na sociedade, portanto é um ser social, que possui uma identidade: tem nome, cor, altura, classe e etc. resumindo o corpo tem vários significados e é uma representação social.

Reportando -se ao corpo da mulher negra percebemos que é um corpo que passa por uma dualidade do ser. Ora é invisibilizado - desprezado e ora valorizado – ultrassexualizado. No romance de Jorge Amado (1959) é descrito a seguinte passagem:

Seu Nacib era para casar com moça distinta, toda nos "brinques", calçando sapato, meia de seda, usando perfume. Moça donzela, sem vício de homem. Gabriela servia para cozinhar, a casa arrumar, a roupa lavar, com homem deitar. Não velho e feio, não por dinheiro, por gostar de deitar. (AMADO, 1959, p. 181e 182).

Percebemos essa dualidade no romance Gabriela Cravo e Canela, onde Gabriela: mulher negra que serve para o trabalho e para o sexo e que essa atribuição parte dela, Gabriela faz porque quer. Essa afirmação do autor reforça um ideário de uma classe dominante e que não podemos esquecer que quem tinha acesso a educação eram pessoas detentoras de posses. E essas imagens são resultado do sistema escravocrata que determina até hoje os lugares e as imagens referentes à mulher negra. A invisibilidade dá-se no mercado de trabalho, na mídia, e etc. e por outro lado tem-se a ultrassexualização que é percebida nas letras de músicas e na mídia assumindo, por exemplo, no carnaval dois sentidos “exaltação da beleza como algo positivo ou que remete ao prazer”.

Quando se fala da mulher negra (a mulata) temos o exemplo da “globeleza” que anteriormente era representado por uma mulher negra, desnuda, do bumbum avantajado, dos lábios grossos, corpo atraente e considerado exuberante e que agora está passando por um processo de embranquecimento, onde a escolhida possui um tom de pele “quase branco”. Neste sentido Wellington Santos (2013) relata que :

Ser mulher mulata ou parda é não ser preta [...] o gerenciamento da gradação da cor morena – cor de jambo, morena – cabo - verde moreninha acarreta num status diferenciado em relação às mulheres de cor preta, chamadas de “nego não” o que se remete a traços grossos a corpo cheio. O que sugere uma diferenciação entre ser preta e ser parda. (SANTOS, 2013, p.16).

Isto mostra a negação da identidade negra, que é a herança do patriarcado onde se idealizou um perfil que define um padrão de beleza que é associado a população branca. Logo a não

aceitação de ser negra é uma reprodução social que é massacrante para a mulher negra, pois o não reconhecimento da sua raça faz com que se busquem alternativas para ser o outro, isto é, o que é considerado padrão, belo e aceitável.

E ainda reportando sobre a violência vivenciada pela mulher negra ela se materializa em vários âmbitos dentre eles na estética. Ex: nos cabelos. A desvalorização estética é mais um dos elementos que mostram a desvalorização da mulher negra. Para Carneiro (2002) e Malachias (2007) essas emblemáticas impossibilitam que esses sujeitos de direitos exerçam sua cidadania. Quando nos reportamos aos cabelos das mulheres negras também passam pela “ditadura da beleza”. Tem que ser liso, loiro ou platinado. Não temos nada contra os cabelos alisados ou pintados, mas, enfatizamos que as mulheres negras na maioria das vezes passam por esse processo de negação de sua identidade.

Já no âmbito das relações conjugais onde o casal é constituído por um homem branco e uma mulher negra há uma não aceitação nessa relação ou pela família do esposo ou pelo próprio companheiro, devido ao imaginário de ser uma mulher sensual e exótica que serve apenas para satisfação de um prazer, por carregar um estigma de ser safada, fogosa, pela desvalorização por causa da cor. Neste sentido o Dossiê Violência Contra as Mulheres (2015) assim discorrem referindo-se a imagem da mulher negra:

A reflexão sobre a imagem das mulheres também é uma parte importante do enfrentamento a estereótipos discriminatórios que autorizam violências. No caso específico das mulheres negras, no Brasil, esses estereótipos são agravados pela carga histórica escravagista de objetificação e subalternidade que reforçam mitos racistas como o da mulher negra hipersexualizada sempre disponível. (Instituto Patrícia Galvão, 2015, p. 5).

E como entender essa dualidade de um ser que é estereotipada de ser sensual, e ao mesmo tempo tão inviabilizada? Quando falamos que o Brasil é um país mestiço, nos referimos a mistura de diversos povos, no entanto não enfatizamos que somos fruto de uma nação que foi historicamente construída por atos de violência, violência sexual. Somos fruto de estupros. A miscigenação que é tão louvada é fruto de estupros de mulheres negras e indígenas que foram violentadas, usadas com objeto de satisfação sexual Munanga (2004) adverte que miscigenação entre povos, fez com que a raça trouxesse consigo heranças da construção social permeada por relações políticas, ideologias e econômicas.

É importante ressaltar que essas relações de poder, se configuram em violência, opressão e subalternização e influenciam no papel que essa mulher assume na sociedade. Deste modo Sueli Carneiro (2002) discorre sobre o papel da mulher negra na sociedade brasileira:

A condição de mulher e negra, o papel histórico que as mulheres desempenham nas suas comunidades, a comunidade de destino colocado para homens e mulheres negras pelo racismo e pela discriminação impedem que os esforços de organização das mulheres negras possam se realizar dissociados da luta geral de emancipação do povo negro. Portanto, o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe. (CARNEIRO, 2002, p.181).

Percebe-se então que as pessoas mais afetadas pelo racismo são mulheres negras e pobres que socialmente são desvalorizadas e excluídas por sua tonalidade de pele que adquire especificidades quando inseridas no contexto brasileiro. E para refletirmos sobre essas condições de desrespeito podemos recordar dois casos. O primeiro se refere a Sarah Baartman, mais conhecida como Vênus Hotentone, originária da África do Sul, no século XIX, foi exibida como atração em circos e em ambientes científicos por apresentar uma estrutura corporal “exótica”. (GÉLEDES, 2015). Outra situação que envolve essa temática é o caso de sete mulheres negras utilizadas como cobaias durante 4 a 5 anos por James Marions Sims, renomado cirurgião, conhecido como o pai da ginecologia em 1845. Jims realizava experiências cirúrgicas com essas mulheres sem o uso de anestesia por considerar o indivíduo africano, um ser desprovido de dor, isto quer dizer que o negro não era considerado um ser humano, mas que se constitui um corpo animalizado e coisificado. (WISNIEWSKI, 2013).

E assim é observado que a mulher negra ao ser alvo de inúmeras violências, ela permanece sozinha em suas dores e lutas que culmina na sua solidão. Solidão essa que é percebida em vários âmbitos e que tem diversos significados, mas fazemos especificamente a relação entre solidão e sexualidade, onde as relações afetivas são marcadas por um contexto social internalizadas pelos sujeitos e que expressam as formas de pensar e a representação que se tem da pessoa não-branca. O Censo do Instituto de Geografia e Estatística – IBGE de 2010 apontou que 52,52% das mulheres negras não viviam em união estável. Este levantamento reitera os debates a cerca dessa realidade onde os relacionamentos vividos por essas mulheres perpassam por relações de poder.

Desta forma compreendemos que a objetificação do corpo e sexualidade da mulher negra está atrelada a concepções racistas que se estruturam como algo natural que são reproduzidos. Exemplo disso foi um vídeo publicado na internet no qual o Prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes, na entrega de casas populares, faz piadas de cunho sexual a dona do imóvel (Rita, mulher negra):

“Vai trepar muito aqui nesse quartinho”. Não satisfeito, pergunta se a moça é casada e emenda: “Vai trazer muito namorado pra cá. Rita faz muito sexo aqui”. Como se a humilhação não fosse suficiente, Paes, do lado de fora, grita para os vizinhos da moça que acompanhavam a entrega. “Ela disse que vai fazer muito canguru pernetá aqui. Tá liberado,

hein. A senha primeiro”. Visivelmente envergonhada, a moça se afasta e diz que vai trancar a porta de casa. (RIBEIRO, 2016, p.1).

Essa fala do prefeito do Rio de Janeiro não tem um contexto separado do “imaginário” que se tem da mulher negra, da mulher permissiva e promiscua. Paes dá voz ao machismo e racismo mascarado de brincadeira. O Brasil é o país onde a escravidão se metamorfoseia em outros formatos, deixando rastros de violência e pauperização, onde um homem branco, aliás, os homens e mulheres de cor ou não, depreciam e sexualizam a mulher negra, classificam a pessoa em um corpo. Corpo este denegrado, aviltado e exposto. “*A cor da pele colocou homens [negros] e mulheres [negras] no Brasil em profundo desmerecimento social, material e moral [...] Fez a mulher negra participar do duro jogo da exploração, da violência e da humilhação*” (OLIVEIRA, 2014), por isso faz-se necessário instigar debates para que esse corpo seja respeitado.

Conclusões

A letra da música da cantora Elza Soares “a carne mais barata do mercado é a carne negra” é uma síntese do que foi abordado neste trabalho, traduz em uma frase o que foi construído socialmente durante mais de cinco séculos na sociedade brasileira. Nesse contexto histórico o corpo negro foi trazido à força, explorado, sujeito a todo tipo de violência que se perpetua até os dias atuais.

Por isso essa construção social que sempre usufrui desse corpo como objeto que é descartado, sendo preciso reconstruir esse ideário imputado a essa mulher que se nega para ser aceita em um padrão que tem na sua base a desigualdade. Historicamente a mulher é subalternizada, porém “a determinação e força são marcas da mulher. A invisibilidade seria o lugar de destino, mas a perseverança aliada ao tempo mudou o rumo dessa história” (Oliveira, 2014), desta forma nascer e se assumir negra é resistência. E para que pensemos em mudanças estruturais é necessário espaços para o debate sendo este uma alternativa para que haja uma quebra nessas ideologias da classe dominante.

Sendo assim reiteramos os princípios do Código de Ética do Serviço Social que se posiciona contra toda forma de discriminação e preconceito “por questões de classe social, gênero, etnia, nacionalidade, identidade de gênero [...]”. Neste sentido acreditamos que só um novo modelo de sociedade em que não haja a opressão, desigualdade de raça, classe, gênero e etnia, desta forma

nos apoiamos veementemente no projeto ético-político de Serviço Social que é uma construção individual e coletiva e que luta por uma nova sociabilidade.

Referências

AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**: crônica de uma cidade no interior: romance. 9ª. Ed. São Paulo: Martins. 1959.

BRASIL. **Código de ética do assistente social**. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10ª ed. rev. e atual – Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2012.

BOURGUIGNON, J. A. **A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social**. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *NQF*. Vol.24, nº2, 2002.

DICIONÁRIO AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. Significado de corpo, 2017. Disponível em: < <https://dicionariodoaurelio.com/corpo>>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2017.

GARCIA, Jeferson Diogo. Lições de José Paulo Netto sobre o método em Marx. Revista Uruguatá – Revista Acadêmica Multidisciplinar. DCS/UEM. n.35. Semestral. Dez/2016/Maio 2017. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/19968>>. Acesso em: 20 de abril de 2017.

GÉLEDES. O corpo da mulher negra como pedaço de carne barata, 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-corpo-da-mulher-negra-como-pedaco-de-carne-barata/>>. Acesso em: 10 de março de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estado civil conjugal por sexo, 2010. Disponível: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3193>. Acesso em 10 de maio de 2017.

INSTITUTO PATRICIA GALVÃO. **Violência e Racismo**. In: **Violência contra as mulheres**, 2015. Disponível em: < <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/#assedio-sexual-e-mulheres-negras>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2017.

MALACHIAS, Rosângela. **Cabelo bom. Cabelo ruim**. São Paulo: NEINB, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência e Cientificidade**. In: Maria Cecília de Souza(org.) . **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2010. Disponível em: <<https://editorialgaudencio.com.br/2013/01/02/maria-cecilia-de-souza-minayo/>>. Acesso em: 01 de abril de 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra, Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao Método em Marx** /José Paulo Netto – 1ªed. – São Paulo: Expressão Popular. 2011.

OLIVEIRA, Francilene Costa de Santana. **Mulheres Negras Contos e Literatura**: uma análise da condição da mulher negra no final do século XIX à meados do século XX.2014.

RIBEIRO, Djamila. **‘Vai Trepar Muito no Quartinho’**: Paes e a desumanização da mulher negra. 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/2016vai-trepar-muito-nesse-quartinho2016-paes-e-a-desumanizacao-da-mulher-negra>>. Acesso em 14 de maio de 2017.

SOARES, Elza. A Carne, 2002. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/elza-soares/281242/>>. Acesso em 19 de março de 2017.

SANTOS, Wellington Pereira. Linguagem e Identidade Sexual de Jovens Negras. 2013. Disponível em: <www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401923775_ARQUIVO_ArtigoAba.pdf>. Acesso em: 07 de março de 2017.

WISNIEWSKI, Ana Patrícia. (In)Visibilidade Negra, 2013. Disponível em: <<http://unisinov.br/blogs/ndh/2013/09/30/invisibilidade-negra/>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2017.